www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

# GT 34. Ensinar e Aprender Antropologia

**Coordenador(es):**
Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Guillermo Vega Sanabria (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

**Sessão 1 - Ensinar e aprender antropologia e a educação básica**
**Debatedor/a:** Ana Pires do Prado (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**Sessão 2 - Ensinar e aprender antropologia em diversos contextos de formação profissional**
**Debatedor/a:** Amurabi Pereira de Oliveira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

**Sessão 3 - Ensinar e aprender antropologia nas ciências sociais**
**Debatedor/a:** Graziele Ramos Schweig (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

É notável a expansão que nos últimos anos a Antropologia no Brasil alcançou junto às mais diversas formações universitárias e não universitárias, e o incremento na formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação. Porém, ainda é necessário um debate profundo em torno das particularidades do ensino e do aprendizado de ser antropólogo. O processo formativo em antropologia passa por uma reflexão sobre a relação entre ensino e aprendizagem, mas também por uma análise sobre questões centrais na definição da própria disciplina, como a relação entre teoria e métodos. Tais discussões são fundamentais para compreendermos os rumos da Antropologia como ciência. O presente Grupo de Trabalho visa analisar estas questões, com foco na formação de antropólogos e de “não antropólogos”, discutindo as diversas inserções da antropologia em espaços formativos. Buscamos refletir em torno do lugar do ensino e da aprendizagem da antropologia, bem como dos desafios postos para sua realização. Também nos interessa o aprofundamento nos fundamentos históricos, epistemológicos, teóricos e pedagógicos do ensino e da aprendizagem de antropologia, para que possamos propor desenvolvimentos didáticos para a formação de antropólogos (em nível de graduação e pós-graduação), assim como de cientistas sociais, profissionais da saúde, professores e outros profissionais que se beneficiam do conhecimento antropológico. Igual atenção merece o ensino e a aprendizagem da disciplina na educação básica.

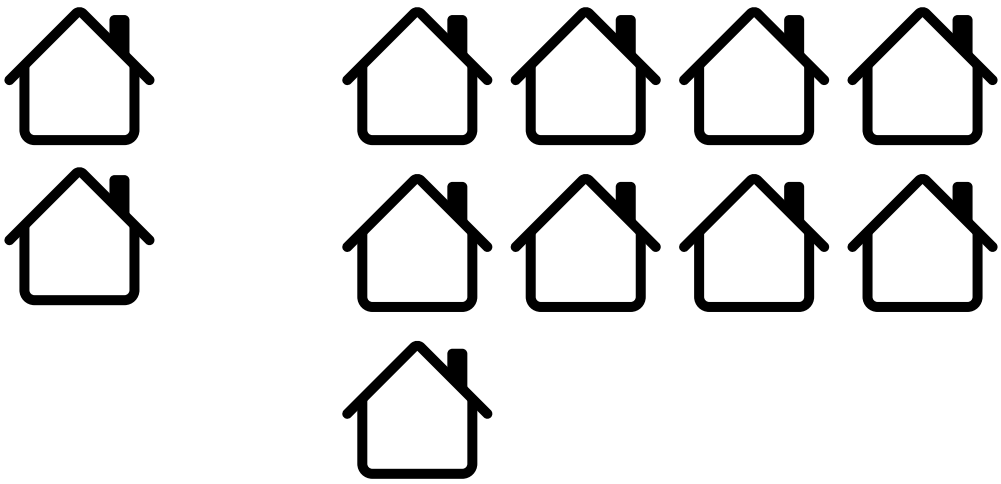
> **Reestruturação curricular do ensino de antropologia com viés sincrônico: experiência do curso de Ciências Sociais da PUC-Campinas**
> **Autoria:** André Pires (Faculdade de Ci)
> O presente work possui o objetivo de relatar o processo de reestruturação e início de implementação dos componentes curriculares de Antropologia do curso de Ciências Sociais da Puc-Campinas. A nova estrutura foi implantada na turma de ingressantes de 2020. O projeto pedagógico do curso de Ciências Sociais foi construído a partir das habilidades e competências previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), num formato de módulos e ciclos de maneira a favorecer o ingresso de alunos a cada semestre. Este formato rompe com o modelo tradicional de cursos de graduação, organizado por períodos ou semestres, uma vez que alunos ingressantes em diferentes momentos podem compartilhar disciplinas comuns. A antropologia possui uma longa tradição metodológica que opera a partir de uma lógica sincrônica, todavia, o ensino dos componentes curriculares tende a seguir um viés diacrônico. Ou seja, o aprendizado é organizado em formato de ?escolas? que seguem a ordem cronológica do surgimento do conhecimento no tempo. Assim o ensino começa com o ?evolucionismo?, seguido pelo ?culturalismo norte-americano?, ?funcionalismo britânico? e assim por diante até chegar aos ?temas contemporâneos?. Esse encadeamento temporal possui a vantagem

 ISBN: 978-65-87289-08-3

de possibilitar ao aluno e ao professor o acompanhamento das transformações na antropologia, operando a partir das críticas e comparações que as novas ?escolas? fazem às anteriores. No entanto, assuntos relevantes para o aprendizado e debates atuais e/ou transversais demoram a aparecer. A reformulação feita na Puc-Campinas prevê que os alunos da turma de 2020 iniciem o curso com o componente denominado ?Natureza, Cultura e Perspectivismo? de modo que os três grandes conceitos que dão nome a esta disciplina funcionam como dispositivos para os temas e as metodologias da antropologia. As ?escolas? estão contempladas, mas de acordo com o recorte temático. Desse modo, o aluno consegue compreender o desenvolvimento diacrônico dos debates vinculados ao tema em questão, desde o início da antropologia até as reflexões contemporâneas. Outros componentes curriculares do curso são: ?Troca e Reciprocidade?, ?Ritual e Simbolismo? e ?Etnografias?. Todavia, o ensino requer uma grande atenção por parte dos docentes, já que eles foram acostumados a pensar e a ensinar antropologia numa perspectiva temporal sequencial. Importante ressaltar a escassez de informações sobre as habilidades e competências previstas nas DCN para os egressos do curso de Ciências Sociais. Tal documento, trata as habilidades e competências dos cientistas sociais de maneira muito genérica, sendo necessário recorrer a outros documentos, tal como os Relatórios do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), porém sem a mesma força e legitimidade de uma DNC.

 ISBN: 978-65-87289-08-3

# Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

**Realização:** **Apoio:** **Organização:**